

O TYPOGRAPHO.

JORNAL LITTERÁRIO E INSTRUCTIVO.

Collaboradores—Diversos.

Este jornal pertence aos typographos da Regeneração. Publica-se uma vez por semana, aos domingos. Preço da assignatura: por uma série de 10 numeros 1\$000, pagamento adiantado.

1.ª Serie | Desterra, 15 de Setembro de 1872. | N. 8.

O TYPOGRAPHO.

Desterra, 15 de Setembro de 1872.

O futuro.

O futuro, esse alvo de nossas mais caras esperanças, não se nos pode mostrar bello, sem que trabalhemos, e nos exforcemos porque cultivar nossa intelligencia; não nos pode apparecer tapizado de rozas sem que tenhamos primeiro caminhado sobre espinhos; não nos pode offerecer descanso, e tranquillidade, sem que tenhamos tratallado com affan na grande obra de nossa regeneração intellectual.

O mancebo, nada ou quasi nada promette e mostra, emquanto está no começo de sua carreira; é preciso que tenha longos annos de estudos, para que possa ser apontado como uma intelligencia, e coroado no futuro, como unica recompensa de seus esforços no passado.

Trabalhemos pois. Que a esperança, essa divindade, inseparavel companheira da religião, nos hade ajudar para que possamos suportar as fadigas, e a caminhar por entre os abrolhos que no

começo de nossa vida se nos apresentam, em procura da luz, e desejosos de um porvir brilhante, e felizes por têmos aberto o caminho á mocidade de nosso tempo.

Nós somos como as flôres que desabrochão de manhã, e que á noite desfolhãose e são levadas nas azas da tempestade: mas com as nossas obras não succede o mesmo: emquanto nós dormimos envoltos no frio pó do esquecimento, ellas vivem sempre no vigor de sua primeira idade. « O trabalho é a vida e a felicidade » disse um de nossos collaboradôres, e nós accrecentaremos: O trabalho—é a honra no presente e a gloria no porvir. O trabalho é um anjo consolador que nos faz esquecer as nossas dôres: moraes, é uma fonte de ventura, é um céu de alegria.

Caminhemos! é a voz da natureza que nos falla. Exforcêmo-nos para que tenhamos em recompensa um futuro de luz e de flôres.

Trabalhemos;—e no meio de nossa vida, exclamemos com o immortal Bocage: « Zoilos, tremei! posteridade és minha! »

—FIN—

A aurora no campo.

(Frag. de um romance inédito.)

No dia seguinte, ao romper da aurora, levantei-me e abri a janella para gozar a viração da manhã.

Nem tú imaginas, meu charo Henrique, de que scena arrebatadora fui eu testemunha!

A aurora, essa sublime e poetica filha de Phebo e de Urania, já vinha com suas mãos peregrinas abrir as portas de fogo do Oriente, para receber os a leuses da nocte, que, ao despedir-se, vertia crystallino practo que cahia sobre a terra convertido em bemfazejo orvalho!

Na floresta, milhares de avesinhas multícôres saudavam com seus canticos a vinda do dia; o ar oyo espreguiçava-se indolente no seu leito de candidas conchinhas, no quieto lago banhava-se um sem numero de aves aquaticas; ali, os rebanhos de balid-ras ovelhas retoiçavam a relva do oite-ro esmeraldino; lá, as manadas de bois esperavam deitadas o apparecimento do sol; mais longe, a floresta verde-negra se ostentava orgulhosa da sua virgindade; do alto da serra, desenhava-se, jorrando espadanadas de alvinitente espuma, a cachoeira com tétrico fragôr, e vinha arrasando na vertigem das suas catadupas os troncos e penêdos, que encontrava na sua rabida passagem, depois, gigante manietado, descia ao campo, formando um manso ribeiro, e lá, nas fimbrias do horisonte, as nuvens tintas de purpura e oiro, annunciavão a approximação do sol!

Tal era esse effeito da vontade Divina, tal era esse poetico e encantador romper da aurora no campo, tal era emfim o painel que se desdobrava ante meus olhos fascinados, tão bello e arrebatador que nem-um homem poderia pinctar-t'ô!

Vem, Henrique, tú que és poeta, vê

o nascer do sol nestas pitorescas paragens!

Vem, que nunca achaste um assumpto tam rico e tam soberbo para um poema!

Vem, Henrique, que eu te mostrarei o jardim-pomar de um pobre al ijado, perdido, por assim dizer, no meio das quebradas das serranias.

Deixa que eu t' o-desc-eva, e crerás ouvir um con o das MIL E UMA NOCTES do poeta arabe, ouvindo a verdade!

Em grandes quádras de relva, fechados por gradis verdes, cre cem as mais bellas arvores fructiferas: a larangeira, o pecegueiro, a macieira, o jambeiro, a mangueira, o cajazeiro, a jaqueira, o sapoty e a mangabeira formam com suas ramas um tecto de folhgem.

Ruas tapetadas de gramma, cruzam-se em todos os sentidos.

Num dos cantos, ha um oiteirinho, de cujo cimo brota uma veia de agoa, com que o velho formou uma linda cascata, que vem rolando por entre conchinhas multícôres até a bixada, onde se transforma em um crystalino lago margeado de bellos salgueiros, e t'm poeico como a fonte de Blanduzia, que tanto inlevava o nosso bom mestre Virgilio.

No fim de uma das ruas ao lado da cascata, o velho fez uma pequena praça, em cujo meio campêam a pouca distancia uma da outra, duas mangueiras collossaes, debaixo das quaes ha uma mesa de pedra octogona, cercada de folhas de gramma roixa.

Um dia, eu almocei com o velho, de-laixo dessa abobada de verdura, no meio dessa luxuriosa vegetação.

Uma orchestra divina se fazia ouvir por cima de nossas cabeças: o sabiá saltava seu cantico aflautado, o inquieto papa-arroz, a sahira multícôr, o canario gemmado, o sanhassú, o gaturamo e mil outras avesinhas confundiam seus

O TYPOGRAPHO.

trinados em vibrações suaves : de um lado a cascata murmuradora; do outro desenas de jurytis a arrularem se is terrissimos amôres, e, em frente de nós, como para fechar o quadro, um bando de tangaràs ensaiava suas cadentes choréas !

Ciumes.

(E.)

«Eu tenho ciumes dos risos que soltas,
«Das tranças que trazes revoltas, revoltas,
«Roçando por mim ! »

G. HENRIQUE.

Da briza que beija teus negros cabellos,
Em noites formosas, da lua ao fulgôr,
Eu tenho ciumes, ardentes desejos,
Pois sinto que a briza te falla de amôr !

Do arroyo saudoso, gentil, em que miras,
Criança innocente; ten rosto de flôr,
Eu tenho ciumes !—Que o arroyo bêm pôde
Em sua carreira levar teu amôr !

Do céu em que fitas teus olhos formosos,
Em noites serenas de pallido alvôr,
Eu tenho ciumes !—Que o céu de teus olhos
Bem pôde, sorrindo, roubar-lhes o amôr !

Eu tenho ciumes da terra que pizas,
Da flôr que t'enfeita os divinos perfumes;
Do céu e dos mares, da noite e do dia...
E trêmo em delirios.... e tenho ciumes !...

Des'erro, 4 de Setembro.

H. NUNES.

Legenda Allemã

O SULTÃO DAS FLORES

(Traduzida do Francez por S. NOLASCO.)

A filha do sultão, a bella Habáli, está no jardim de seu pai; seu unico prazer é cultivar as flores, e tem mais satisfação em receber de mimo uma nova semente ou uma planta rara, do que enriquecer o seu cofresinho de joias com alguma

prenda de valor : porque se as pedras preciosas são as flores da terra, ellas devem seu brilho a mão do artista que as tem lapidado e polido, emquanto que as corollas das rosas, brancas ou azues desabrochão sob a vista e sopro de Deos.

Habali esmera-se em cultivar todas as especies de rosas; porém os lotos da India embalanção por cima dos tanques de marmore; as laranjeiras liberalisão às vezes a neve de suas flores, e o ouro de seus fructos às ruas embalsamadas que formão; os grandes calices dos cactos se ostentão magestosos com a polpa avelludada junto das alvas estatuas.

Assentada no meio do seu jardim, que se assemelha a uma perfumosa cêsta, Habali scisma, e erguendo os olhos ao céu, diz do intimo de seu coração :— Quem creou estas flores ? Quem depositou a semente no seio da terra ? Cada uma destas flores provem de uma raiz, que se alimenta de succos nutritivos; estes succos levão a haste abundante seiva, que se espalha nas fileiras e nas delicadas nervuras das folhas. Algumas destas hastes estão cercadas de espinhos que as resguardão dos insectos; outras, estão cobertas de uma penugem sedosa, onde brillão as pequeninas gottas do orvalho; as que são demasiado delicadas, por não poderem supportar a frieza da noite, cerrão seus mimosos calices, ao cahir da tarde. Outras, ao invéz destas, desbrochão a luz das estrellas. No calice se occulta o principio propagador : o grão é levado pela brisa ligeira, o pollem, pó odorifero, võe e vae em outras partes derrama seus thesouros. Uma planta é um livro; uao tenho necessidade de folhear os manuscritos accumulados na bibliotheca de meu pai, para saber que há um ente benéfico, um Senhor bondoso, um Sultão das flôres. Porém quem me dirá onde elle reside ? Em que paiz tem sua cõrte ? Si eu o conhecesse, iria lhe render homenagem e offerecer-me para cultivar as flôres de seu jardim—que serão bem lindas.

E a virgem do Oriente, apoiando a fronte na mão, torna-se triste e esqueceu-se por um momento de suas rosas.

A noite se aproxima : a brisa corre velos por entrê os cactos, balançando de leve seus grandes calices. E' hora de repouso; e Habali entra em seu aposento : porém antes de entregar-se ao doce somno repete ainda :— Ah ! se eu conhecesse o Sultão das flôres, com que satisfação prestar-me-hia a seu serviço.

Repoasa... Durante a noite ligeiros sonhos vêm afagar-lhe o espirito. Vê no espaço branca nuvem, e sabindo gradualmente d'ella uma figura graciosa, que traz a fronte coroada de rosas, e o corpo cobert de alvissima tunica. Seu olhãr é benevolo e sua boca serena. Habali ouve de seus labis estas palavras :

—Eu sou o Sultão das flôres, que incessantemente invocas...

—Ah! Senhor! murmurou, como hão de ser bellos os jardins de vosso Pai!

—Sim, respondeu a divina figura, eu possuo o jardim das rosas e o valle dos lyrios: todas as maravilhas da Creação me pertencem, e se quizeres vel'-as eu t'as mostrarei.

—Senhor! Oh! Senhor! exclamou em doce extasis, sabeis quanto vos amo, conduzi-me pois para essa terra de delicias, que é nossa patria.

—Ainda não sou a tua hora, respondeu a celesste visão, porém abandona no entretanto o palacio de teu pai, de xa o céu oriental, parte para a Europa, bate a portã do mosteiro de Offenbourg, na Allemanha, e diz à pessoa que t'a vier abrir:—Eu venho servir ao Sultão dos flôres. E serás admittida.

—Entre vossos humildes servos.

—No numero de minhas castas esposas.

—Senhor! Senhor! balbuciou a virgem oriental, que piedoso transporte enche de jubilo o meu coração... Oh! como a felicidade de que gosá meu espirito é snave e deliciosa. Mas, porque traseis em vossas formosas mãos estas rosas?

—São para tí; colhi-as sobre a collina da morte, quando derramei meu sangue para remir a humidade. Adeos, virgem, lembra-te de que eu te espero... serei contigo no tempo e na eternidade.

A visão desapareceu; a filha do Sultão despertou-se, e na manhã d'aquella mesma noite pôz-se a caminho para Europa.

(Continúa).

CHARADAS

E' um animal quadrupede—2

E' uma planta aromatica—2

Conceito.

E' uma ave de rapina
Porém, que não é aquatica.

F. J. Dias.

Eu sou pertença dos velhos — 2

E dos desertos tambem — 2

Soffrimento e martyrios,
O todo lembrar-nos vem.

Assim faz a minha « ella. »
Quando acaba de sonhar. — 3

E ri-se, pois não me sente
Mais seu peito torturar — 1

Aqui mesmo na Provincia,
Podeis sem custo encontrar

Si a prima for a segunda
O que a primeira nos diz — 2
Rouba a primeira á segunda
Que é pobre rôta infeliz — 2

Rouba o todo a derradeira,
Se praticar a primeira.

Existo em todas as casas — 2
E sou das selvas senhor — 2

Por desgraça, nada como,
Por isso mudo de cor.

Vive nos ermos — 2

E nos salões — 2

Mata de amôres

Os corações.

Como simples envoltorio — 2

Te ho o poder de inspirar — 1

Lá da musica entre as notas — 1

Em nada vou sempre dar — 1

Parlador, muito pachola

Nunca cessa de fallar.

A decifração do logographo do n. antecedente é — Manacá — e das charadas a 1.^a — Segovia — a 2.^a — Til — a 3.^a — Charada. —

Typographia da «Regeneração» Largo
de Palacio n. 32,